ARLEQUIM
REVISTA DE
ACTUALIDADES
20 DE DEZEMBRO
1927
Nº 6

Representantes de «ARLEQUIM»

NO ESTADO DE S. PAULO

NA LINHA INGLEZA.
SANTOS. — Moacyr Serra.
JUNDIAHY. — Horacio Lopes Camargo (venda avulsa.
BRAGANÇA. — Plinio de Paula Braga.
PIRACICABA. — Lydio Herdade.

NA LINHA PAULISTA.
CAMPINAS. — Americo Belluomini.
SANTA BARBARA. — Joaquim A. do Canto.
PIRACAIA. — José Martins de Toledo.
LIMEIRA. — Nestor Martins Lino.
CORDEIRO — Antonio P. Lordello
ARARAS. — Joviniano Pinto.
PIRASSUNUNGA. — Elias Mello Ayres.
PALMEIRAS. — Leonidas Horta Macedo.
PORTO-FERREIRA. — Carlos Fenili
DESCALVADO. — Gabriel de Arruda
SANTA RITA. — Gabriel Pompeu de Toledo
RIO CLARO. — Valdomiro Guerra Corrêa.
ANNAPOLIS. — Pedro Levy
ITYRAPINA. — Joaquim Toledo de Camargo
ARARAQUARA. — Sizenando da Rocha Leite.
JABOTICABAL. — Clodomir F. de Albuquerque
PONTAL. — Antonio Godoy
MINEIROS. — Sylvio da Costa Neves
JAHU. — Synesio Paes de Barros
BARRA BONITA. — Armando Ognibene.

NA LINHA ARARAQUARENSE
MATTÃO. — Walfredo Andrade Fogaça.
SANTA ADELIA. — Salvador Gogliano Junior
ARIRANHA. — Bruno Vollet.
CATANDUVA. — João Pires de Aguiar
RIO PRETO. — João Teixeira de Lara.

LINHA DOURADENSE
BICA DE PEDRA — Tito L. Ferreira
ITAPOLIS. — João Ramacciotti
SÃO JOÃO DA BOCAINA. — Lazaro G. Teixeira

LINHA MOGYANA
MOGY-MIRIM. — Mario de Barros Aranha
ITAPIRA. — José da Cunha Raposo
ESPIRITO S. PINHAL. — José F. de A. Marques
CASCAVEL. — Nicanor Martins Lino
CASA BRANCA. — Jorge Mercado
MOCOCA. — F. R. Baena de Castilho.
TAMBAHU — João Barcellos Filho
CAJURU. — Francisco Faria Barcellos
SÃO SIMÃO. — A. Siqueira de Abreu.
CRAVINHOS. — Francisco Gomes
RIBEIRÃO PRETO. — Antenor Ribeiro
SERTÃOZINHO. — Leoncio F. do Amaral.
FRANCA. — Antonio Constantino

LINHA SOROCABANA
SOROCABA. — J. J. Fernandes Barros.
ITAPETININGA. — Elisiario Martins de Mello
AVARE' — B. Euphrasio de Campos.
ITU'. — Firmino Teixeira
RIO DAS PEDRAS. — Manuel Costa Neves
SÃO PEDRO. — Julio Oliveira
CAPIVARY. — João Stein.
ELIAS FAUSTO — Vicente F. Bueno

LINHA NOROESTE
BAURU. — Brenno Pinheiro
PIRAJUHY. — Frontino Brasil
PENNAPOLIS. — Gustavo Kuhlmann
ARAÇATUBA. — Atoalba Rosa.

LINHA CENTRAL
PINDAMONHANGABA. — José Vieira de Macedo
CAMPOS DE JORDÃO. — Delio Rangel Pestana
GUARATINGUETA'. — Julio Penna

LITTORAL
IGUAPE — Eulalio Arruda Mello

CAPITAL DA REPUBLICA. — Amadel Soares. Rua do Cattete, 186. Odilon Jucá (Exclusividade commercial) Rua do Ouvidor, 164.

NOS OUTROS ESTADOS

ALAGOAS. — Maceió: José Lins do Rego.
CEARA' — Fortaleza: Gilberto Camara
MINAS GERAES — Bello Horizonte: Mario de Lima; Juiz de Fóra: Alarico de Freitas; Cataguazes: Henrique de Rezende; Passos: Wellington Brandão: Santa Rita de Cassia: Argemiro Pinto: Itajubá: Benedicto Pereira; Ubaaba Reis Junior.
PARAHYBA — Capital: Adhemar Vidal; Campina Grande: Irineu Persiano da Fonseca.
PARANA' — Curityba: Paulo Tacla;
PARA — Belém: Alberto Queiroz de Andrade.
PERNAMBUCO. — Recife: Mario Mello.
RIO DE JANEIRO — Nictheroy: Murilla Torres.
RIO G. DO NORTE. — Natal: Luiz da C. Cascudo.
RIO G. DO SUL. — Porto Alegre: Mansueto Bernardi; Santa Maria: Vicente Gomes; Pelotas: Sallis Goulart; Caxias: Olmiro Azevedo; Bagé: Fanfas Ribas; Tupaceretan: Baldomero Fernandes; Cachoeira: Orlando da Cunha Carlos; Lageado: Decio Martins Costa; São Luiz Gonzaga: Juvenal Pinto; Santiago do Boqueirão: Rivadavia Severo.
SERGIPE — Aracajú: Epithanio Dias

Este numero contém 36 paginas e custa 1$500

REVISTA DE ACTUALIDADES

PUBLICA-SE ÁS QUINTAS FEIRAS, EM SÃO PAULO

EXPEDIENTE

ASSIGNATURAS

Por anno 40$000

Por semestre 22$000

Numero avulso 1$000

GERENTE

Americo R. Netto

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Rua Libero Badaró, 28, 3.° andar, sala 14

CAIXA POSTAL 3323

PHONE CENTRAL 1.0.2.4

DIRECTORES

Sud Mennucci

Mauricio Goulart

Americo R. Netto

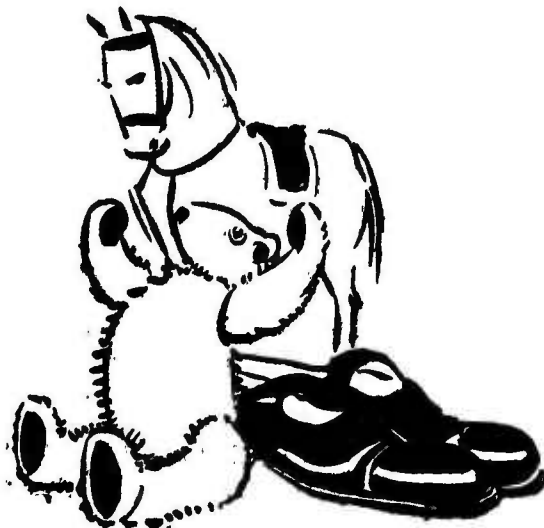
ILLUSTRADOR

J. G. Villin

COLLABORADORES:

ALBA DE MELLO (SORCIERE), MARIA JOSÉ FERNANDES, MARILÚ, MURILLA TORRES, AMADEU AMARAL, VICENTE ANCONA, RICARDO DE FIGUEIREDO, RAUL BOPP, REIS JUNIOR, SILVEIRA BUENO, FRANCISCO PATTI, J. RAMOS, HONORIO DE SYLOS, EDMUNDO BARRETO, RUBENS DO AMARAL, PERCIVAL DE OLIVEIRA, HORACIO DE ANDRADE, MELLO AYRES, THALES DE ANDRADE, CORRÊA JUNIOR, BRENNO PINHEIRO, CLEOMENES CAMPOS, AFFONSO SCHMIDT, GALVÃO CERQUINHO, MERCADO JUNIOR, MARIO L. CASTRO, MARCELLINO RITTER, ANTONIO CONSTANTINO, THEOPHILO BARBOSA, JOSÉ PAULO DA CAMARA, LÉO VAZ, ETC.

Um urso hirsuto,
um cavallinho secco,
e é quanto basta
para que a alma immensa das creanças
transborde de alegria.

Emquanto nós, geute mais velha,
eternos descontentes,
vamos sempre amesquinhando as grandes coisas
a escalas pequeninas.

expose a l'hotel de l'Esplanada tout ce qui interesse la femme raffinée: robes modèles de Patou, Lauvin, Chapeaux, Lingerie, bijoux copies exactes de Cartier. A l'ocasion des fêtes de Noel et du jour de l'an, grande vente a des prix exeptionnels de sacs de soir en brillants.

APPARTEMENT 327

Jurisprudencia do Beijo

Tudo evolue. Forçoso é acompanhar o progresso.

Ouço isto a cada passo e ponho-me a pensar: qual a finalidade da vida? A felicidade relativa, medida e pesada segundo Einstein, está claro. Mas. felicidade e liberdade são idéas interdependentes, corpo e alma do mesmo ser, elementos vitaes vibrando em unisono na mesma existencia. O enfraquecimento de uma reflecte logo sobre a outra. Já repararam como neste seculo de evolução a liberdade entra em franco periodo involutivo ? Que tristesa ! Até no proprio dominio dos pensamentos e dos sentimentos ! Torna-se cada vez mais abstracta, mais inaccessivel. E' victima de amputações frequentes, deforma-se de continuo. Contra ella se insurgem os proprios que a endeusaram, todos os males sociaes lhe são atribuidos, de deusa passa a Proserpina, soffrendo no cadinho do tempo, transformação semelhante á que se opera na mente dos homens em relação ás mulheres que resistem... Assim decadente lembra velha artista ao receber pateada das mesmas platéas que outr'ora levara ao delirio... Pobre liberdade ! encaneceu com a guerra, passou a indesejavel. Na propria America do Norte que á entrada do maior porto, sarcasticamente, ergueu-lhe monumento gigantesco, limita-se a immigração, faz-se selecção de raças; no Mexico alem dos massacres religiosos sacrifica-se uma pleiade de generaes briosos, herva daninha nativa naquellas paragens, em nome do progresso e da paz do Estado. Entre nós, neste vasto Brasil onde a propria naturesa grita pela liberdade, que vemos ? Guerra contra a dissolução do vinculo matrimonial, opposição tenaz ao voto feminino, questões estas, aliás, passadistas ao lado das modernas e modernissimas limitações chamadas "lei de imprensa" vulgo "rolha", "lei scelerada", "vetos parciaes" e outras "cositas mas".

Lá para os lados do Velho Mundo os horisontes não andam menos carregados. Os "camisa-preta", na bella Italia, cogitam da negra questão de moralizar costumes. Vão perder tempo, na certa, para maior gloria da patria. Do contrario, adeus inspiração artistica; tudo muito vestido, sentimentos enfaixados e salgados desde o berço para que se tornem rijos e sómente traduzam rectas intenções. Rectificação em ordem do dia e da noite tambem...

Imperio da linha recta ancestral, de 4.000 annos A. C., bem traçada, bem difinida, bem devassavel. Nada de voltas compromettedoras, propicias ao peccado. Leis restrictivas geraes, para todos os abusos. Abusos ? Isso depende de interpretação, de ponto de vista. Será tarefa difficillima classifical-os e impossivel estabelecer-lhes a proporcionalidade das penas. Dahi a inclusão da justiça na contradança das amputações. Tres nobres seriamente compromettidas: felicidade, liberdade, justiça. De facto, será justo, por exemplo, criminar o beijo ? Pois em Cremona, na doce cidade das margens do Pó, é acto reprovavel, merece a deshonra da geladeira e as honras de uma legislação especializada, especialmente attinente á especie Si a moda pegar exultará a hygiene: menos um poderoso meio de contagio; sorrirão, porem, intimamente os clinicos mais experimentados-medicina preventiva, no caso só entre esquimaos... Não lhes diminuirá a freguezia e muitos serão os hygienistas a curar. Prophylaxia tão burgueza só mesmo para uso externo.. Em Cremona as cousas se passam assim: si um parzinho de noivos-artistas reproduz, ingenuamente, na sala do cinema o beijo que a tela cynicamente lhe põe ante os olhos soffre o vexame de comparecer á delegacia para explicar o facto... Não se faz por menos. Uhm ! Si fosse no Brasil. "Malgré tout" isto ainda sabe a Chanaan...

Que rediculo ! a velha Roma esquecida do passado, do tempo em que generosamente semeou a civilisação pelo mundo, corar de pejo ante os progressos modernos !...

Como se arranjaria a França si lhe pretendesse seguir a moral?

O beijo, no momento actual, é a mais fina, a mais difficil manifestação de arte, da arte magica e, longe de punição, merece recompensa. Será mais uma feliz opportunidade de elegermos nova rainha e nos deliciarmos na deliciosa festa da coroação...

Beijar, sem deixar marca, só para os eleitos. E' tão indiscreto o "baton" !

MARIA JOSÉ FERNANDES

Farandula alegre

A farandula alegre cirandava :
"Quem gosta de mim é ella !"
— Mentira ! ia eu chamar, num doido arranco ;
Mas, já alegre, a farandula dizia :
"Quem gosta della sou eu..."
E pude apenas murmurar : "Verdade !"

FARIA NEVES SOBRINHO

(Feito a 31 de Dezembro de 1926, quando o autor estava preso ao leito, já prostrado pela enfermidade que o victimou quatro dias depois).

A ILLUSÃO DOS CONVERSOS

Allegoria

— Boa tarde, Frei-cabisbaixo! Aonde vaes por entre as sombras, subindo por um caminho tão ruim?

— Deus vos salve e vos guie pela terra escura, Caminheiro que não conheço. Vou adeante, muito adeante, viver na soledade do deserto e pedir a Deus pelos homens que me não quizeram ouvir, nas cidades de onde venho...

— Pobre Frei-presumpção, vaes morrer de penuria, porque, de certo, lhes quiseste ensinar que é muito facil andar-se de olhos voltados para o céo, quando se têm os pés pousados na terra!

— Eu não lhes ensinei nada de absurdo, Caminheiro tão velho e tão imprudente; apenas eu lhes quiz engastar no coração tres pedras preciosas-um diamante, uma esmeralda e uma saphira. . Deus me fez seu garimpeiro — ensinou-me a sua ourivesaria, por isso eu sei onde jazem as pedras chammejantes que elle manda cravar no coração dos homens. Mas os corações não os deteem porque amollecem quando lhes falo e as minhas joias lhes tocam... Desgraçadamente os corações só endurecem quando as gemmas de Deus cahem sobre a terra mesquinha! E porque cahiram muitas, andei juntando-as e as vou levando commigo, para escondel-as num sitio onde ellas vão lampejar ao sol que poucos vêem.

— Vou tambem pelo teu caminho, Frei- desconsolação, e te ouvirei em silencio se quizeres meditar em voz alta, emquanto a estrada sobe e as pedras rolam sob nossos pés.

— Os nossos passos, Caminheiro, têm a mesma cadencia, a mesma incertesa e os annos que branquearam os teus cabellos foram os mesmos que branquearam os meus. Todavia, na ruina que sou, sinto viver, ainda vibrante, a palavra fecunda, ditada pelo coração sempre novo — o coração que crê e espera.... Vinde!

— As nossas rugas, Frei, têm o mesmo numero e o mesmo sulco; o nosso bordão os mesmos nós. No entanto, nesta decrepitude, neste esmaecimento de vida, que tambem sou, fulguram-me ainda os olhos — reflexos do espirito que cria, gosa e duvida... Vou comtigo.

E subiram os dois — alquebrados de corpo — pelo caminho torto e pedregoso que ia dar ao cimo da serra onde brilhava o derradeiro sol da tarde ultima. Ambos velhinhos subiam porque "quando se vai chegando ao fim da vida, não se desce para os abysmos da terra" — murmurava no seu intimo Frei-Meditação... Subiam, "pois o homem velho sobe, porque a velhice é a ascenção aos cimos de onde vai ver a vida que passou" — sonhava o peregrino de olhos fulgurantes.. E proseguiam ambos pelo caminho montante; um sorrindo embevecido ao recordar a via; outro, sisudo e triste, fazendo a addição dos seus peccados.

E assim velhinhos, mas de almas sempre novas, chegaram ao alto que era o fim da vida... Elles, como todos os velhos, iam morrer subindo, mas agora para um deserto onde falta a agua que é a vida do corpo e vive a solidão que é a morte da alma!... Iam ahi morrer os dois —"Deus que os poz neste mundo — pensava Frei — lá saberá porque." — "A eternidade dos seres — considerava o Caminheiro — lá dirá para que"...

E chegaram, e como vieram tropeçando pelos anfractos do caminho, se deixaram cahir sobre a terra que lhes feriu os pés e lhes pareceu mais dura então. E começaram a morrer quando tambem morria a luz que é a vida eterna do homem tão pequeno, espalhado pelo mundo tão grande!

O sol, incendiando nuvens no céo, accendia uma fogueira que mais seccava ao deserto; o sol no ocaso, tinha o mesmo bruxolear da vella triste á cabeceira dos moribundos... E no deserto secco morriam os dois velhos daquillo que mata ahi: a sede material e vil e a solidão desconsolada! Murmurava Frei — desolação, de olhos desvairados, a bocca secca mastigando a sede:

— Ensinei aos homens cegos a verdade que sei e sinto — o desapego á vida tumultuosa. Ensinei-lhes a virtude da resignação, da paciencia e do sorriso. Disselhes, com o prestigio da inspiração, com a arte viva que a crença gera, que ha acima da vida torpe que as lamas da terra enlamearam, outra mais nobre que Deus nos deu originariamente... Ensinei-lhes a indifferença pelos bens materiaes e mostrei-lhes que os sentidos satisfeitos podem fechar para sempre os portas da consciencia. E mais: disse-lhes que o espirito deve obedecer e não mandar ;deve perceber e humilhar-se porque, acima delle, ha um espirito maior que cria o que elle vê e não comprehende... Viver pelo espirito é guiar-se por si mesmo com o seu roteiro, no caminho proprio. Imaginar é exigir vista maior aos olhos, mais acuidade aos sons, mais luz ao sol, mais vidas á creação, mas, depois do torpor das allucinações, voltar á unica verdade — á obediencia, á submissão ao maior, ao completo, ao que designou tudo quanto aquelle espirito não percebe... Disse-lhes ainda que os gosos da vida, quer sejam os materiaes ou os imaginarios — nascidos da contemplação das coisas, são um pouco que Deus nos deu da sua essencia. Convencido do prestigio immenso da minha verdade, não desci ás minudencias ridiculas para a grandesa de Deus e resumi essa verdade, na obediencia, no respeito ás leis definitivas e no desapego ás materialidades da vida. Dei assim, aos homens, o exemplo do dominio sobre o proprio corpo e curti, sorrindo, frios, dores e fomes... Deitei na terra humana as sementes que não vingaram e, agora, quero morrer e morro acompanhado de sonhos consoladores, arrebatado na visão de jardins encantados, cheios de ares bemfazejos e da musica das aguas — embora esteja deitado num deserto!...

E Frei-decepção estendeu o braço tremulo, procurando, na areia esteril, a frescura duma herva... Morria de vagar, movendo a bocca arida, como se estivesse murmurando a sede...

Morria tambem o Caminheiro placido, banhado na ultima luz da sua ultima hora. Deitado naquella terra que o recebia carinhosa, embora deserta; sorrindo para o passado, para os sonhos em que viveu, longe, no mundo de amores, clamou:

— Tenho sede neste deserto, Frei-companheiro! Quero agua que me dê um pouco mais de vida, para contemplar ainda essa luz que foge para os campos longinquos, onde, agora, se extinguem os gorgeios e a agua promette, na sombra das mattas, a minha redempção!... Tenho sede, Frei, e vejo relvados e ouço marulhos em redor de mim... Estou morrendo, mas não me importam as tuas palavras e a tua crença, porque vou voltar á terra que me gerou e me deu o supremo goso de contemplal-ae entendel-a.

Volto á terra que me vai transformar para restituir-me á vida, de novo... Volto á terra que é o céo da minha

divindade — a Agua — velha encantada de todos os tempos! A agua que acreditas feita, pelo teu deus escondido, para cahir das nuvens em cordas, com as chuvas, ou em poeiras subtis como os serenos, essa agua ninguem a faz, entendes? Existe de toda a eternidade! A agua do diluvio onde, conforme ensinas, serenou a arca providencial ou, segundo penso, se debateram os saurios dos periodos extremos, é essa mesma que vemos ao longe, na nuvem que passa... Sorris, Frei-incredulo, porque? Não ha mais que uma agua — affirmo-te na minha hora extrema. Só existe uma — é o mar que sobe para os ares, condensa, cai, volta a ser mar, para subir e cahir de novo, sob forma de chuva torrencial que amedronta ou rocio que passa despercebido... Tu és simples, Frei-creança, quando pensas que a agua séca e se acaba; mas eu te vou ensinar a verdade. A agua é a vida, ou o elemento da vida organisada, quer tenha a forma de seiva, na planta ou sôro no sangue. E' sempre a mesma, quer seja orvalho, na folhagem, quer corra em catadupas, ou seja a gotta que frige no ferro encandecido — com a mesma e unica funcção: evaporar, condensar e cahir.

Para que vaes procurar, Frei-incontentavel, um deus tão longe da terra, em logares tão estranhos, quando deixas a teu lado a agua que deves adorar e obedecer?.. Se eu fosse como tu e tivesse de ensinar uma religião, creava-a eu mesmo e faria da agua o Deus della. Sendo agua a origem da vida, estando em toda a parte, tendo existido sempre, sendo imperecivel e vindo de cima — reune, em si, as qualidades inherentes á dividndade... Seria um deus como qualquer outro — desses que têm vindo á terra pelo espirito do ar e sob todas as formas. Feito rocio, como fonte a cantar, torrente caudalosa, sangue, leite, seiva, vinho e lagrima! Dentro dessas suas encarnações ha evangelhos psychicos e sociaes... Serei eu, na minha ultima hora, o seu primeiro evangelista?

... A agua, nos seus tres estados, cria tambem, na minha theologia, o dogma fundamental, — o mysterio de um deus trino e unico, de naturesa indivisivel, embora se apresente sob as formas diversas de gelo, vapor e fluido. Consulta o que aprendeste, Frei-esquecimento, compara a agua com todos os deuses inventados e adora-a na sua força creadora, na sua forma material e unica; ama-a e venera-a quando bate nos fraguedos, canta nos pedregulhos, ou solta e se despenha colerica e espumante, nas cataratas, ao fugir-lhe o leito plano dos rios...

Adora a agua de que não ha linguagem em que se possa falar. Adora-a calado até que, mais tarde, possas cantar-lhe louvores, quando a musica andar nos ares como as brisas e como os perfumes. Até que se possa tirar, das melodias errantes, a expresão que reprodusa o seu marulho, essa cantiga doce e mansa e, sobretudo o amor suave que nos inspira o seu fecundo poder e a sua placida eternidade. Adora-a no seu eterno movimento, quando, viva e cantando, fecunda a terra que gera em silencio e logra manter a singular harmonia que faz com que, sempre juntos nunca se misturem!... O feio peccado, Frei, nasce da inconsciencia do homem que os junta intimamente criando a lama esteril!

Não ministraste nunca a verdadeira communhao, porque jamais te admiraste ante a creatura sedenta, quando bebe: os seus olhos se extasiam fixados na agua rutilante; semicerra as palpebras e o seu semblante adquire uma expressão de piedade e enlevo que nenhuma hostia produz!... Da-me agua Frei-amparo, quero beber e não me importa o teu Deus e nem a vida eterna!

E cada um por sua vez, amparado por um sonho, ia morrendo tranqullamente. Juntava-os o ocaso do dia e da vida e separavam-nos para sempre as suas crenças; uma que fasia da vida a eterna transformação na terra e outra que a estendia para alem do espaço e do tempo... "Agua!" — bradava um no ultimo desejo. "Deus!" — clamava outro no derradeiro appello.

Quando o ultimo ar da vida entrou no peito do Caminheiro arquejante, lhe deixou estampado nos labios resequidos, um sorriso que não mais se dessipou. Morria, mas, de subito seus olhos se entreabriram e, trans-

(Conclue na pagina 29)

Dialogo

Na rua 15 de Novembro. E' de tardesinha. Elle vivera toda a sua vida jurando que não se casaria nunca. E, eil-o agora, alli, espiando as mulheres que passavam, sem, no entanto, prestar attenção a nenhuma.

— Viva !

— —Olá, como vae ?

— Já sei que você está noivo. Sou capas até de jurar. Você se suprehende, não é ? Mas, que é isso ? Tanta admiração por tão pouco ? Não sou magico não. Como descobri ?-Muito facilmente. Olhe: você não está aqui na rua 15 de Novembro em frente ao numero 4 D,onde você vae entrar ?

— Estou, sim.

— Pois, então ? Se você estivesse entrando em uma pharmacia eu affirmaria que você estava doente. E não seria sabio por causa disso, creio. Logo. .se você vae á Casa Castro posso tambem, jurar, sem medo de erro, que você está noivo. Pois é esta a casa escolhida pelos rapazes e moças elegantes que se preparam para dar o "grande passo". Só aqui é que encontram coisas lindas. Já vê agora que não é preciso ser muito intelligente para tirar certas conclusões.

— E' mesmo...

E os dois amigos foram tomar um whisky um, pensando na felicidade, e o outro pensando que quando encontrasse, tambem, a "felicidade", compraria todo o seu enxoval na Casa Castro.

De Rabindranath Tagore

Ai de mim ! Não fui bastante prudente. Meu poema topou os teus tornozelos graciosos e nelles encontrou a sua perda.

Meu amor ! transforma para mim essa perda num bem.

* * *

Faze-me, coração meu, que a hora da separação seja doce.

Vivamos na lembrança do nosso amor — e que a nossa dor se converta em canções.

Retarda-te, bello fim do nosso amor, retarda-te ! E dize-nos, no silencio, as tuas ultimas palavras. Retarda-te !

* * *

A ironica phrase de Goethe atirada aos francezes :

"Un monsieur trés decoré que ne connait pas la geographie".

ARIEAVIM
PUBLICAÇÃO SEMANAL EM SÃO PAULO

DIRECTORES:
SUD MENNUCCI
MAURICIO GOULART
AMERICO R. NETTO

ANNO I — 20 DE DEZEMBRO DE 1927 — N.6

AINDA ASSIM...!

Tracei-me um programma. Espantam-se? As mulheres não teem programma, mas programmas, dirão. Desta vez, porém, erram. Tracei um e não arredo pé. Se sou assim mesmo! Pelo menos agora. Teimosa a valer. Afinal de contas, onde a teimosia? Onde? Sou de theorias nem sempre minhas. E' o melhor. Muitas personalidades numa só. E' o mais commodo e o mais pratico. As theorias de hoje, sei bem que não as creei. Ouvi-as. Mas de quem? Não sei. De alguem. E' quanto basta. São theorias... como direi?... transformistas. Fregoli? Fatima? Qual nada! Transformação de idéas, e, consequentemente, de sentimentos e de situações. Estes dependem daquellas. Logo, modificadas umas, fatalmente transformar-se-ão os outros. Mas transformar não é converter um sentimento sempre no sentimento contrario. Não. Entre esses extremos ha muitas vezes situações mais convenientes.

Appliquemos a theoria, leitora minha. Põe o caso em ti para que o sintas melhor.

O teu amigo, o teu grande amigo, aquelle a quem nunca pediste nada que se materializasse num sacrificio, aquelle que tanta dedicação em ti encontrava, numa bella noite, para divertir a sua roda, que te era quasi desconhecida, riu-se com ella dessa tua mesma dedicação. Quando vieste a sabel-o, por um dos comparsas, despontou a primeira nuvem a manchar céo tão lindo. Outra vez, procurou trazer-te novamente a riso, contando a amigo, que tambem era teu, particularidades do teu proceder: Chegou isso ao teu conhecimento, e appareceu a segunda nuvem. Ainda, um dia, á pilheria de camarada recente, deu relevo que te depreciava. Foi a terceira nuvem. De azul, que era, o céo tornou-se de todo pardacento.

Depois, certa tarde... (digo — tarde — para não repetir; já tenho dia e já tenho noite; tarde vem, portanto, melhor, mas sem outra intenção, apezar de ser mais evocativa). Pois, muito bem, nessa tarde o teu amigo tenta, premeditadamente, calculadamente, ostensivamente, magoar-te, mas já o não consegue, porque encontra tudo transformado. O teu amigo passára a ser um dos teus amigos. E' pratico e é commodo. Os ceos plumbeos servem tambem para nos fazer gosar a doce lembrança de outros céos azues.

Não te impressiones, benevola leitora, com tanta minucia. Tudo isso é fantasia. Só entrou aqui para dar mais vivacidade ao quadro, e para que a cousa não fosse dita em tres palavras, porque quem escreve sem grande cabedal tem que se aproveitar de tudo para encher linguados. Podem variar as circumstancias, como podem variar os casos. O que escolhi foi o que me pareceu mais facil de apanhar, por ser mais commum. Tambem se póde substituir o grande amigo pela grande amiga. E' cousa de a cada passo.

A tua amiga é uma flor, uma linda rosa. Certas condições de luz fazem-te suppor hoje que a rosa é amarella. Amanhã, porém, a luz é outra, e vês, então, que a rosa é branca. Gostavas della, não só pela sua condição de flor, mas tambem pelo seu colorido. Este foi, porém, uma illusão. A rosa continuará, então, a ser rosa, mas rosa branca...

Ora de quem ouvi eu isso? Por mais tratos que dê á memoria não me lembro. Tambem para quê? Deste ou daquelle é tudo o mesmo. A pessoa não tem importancia. O que importa é o caso. E este aqui está.

Martellou-me tanto no cerebro essa historia de transformações, que cheguei á necessidade de transformar alguma cousa para ter a sensação nitida do processo. O Natal estála, nada, então, mais a proposito Não achas, leitora, superiormente enfadonho este Noél sempre velho, de barbas brancas, habito de frade e sacóla ás costas? Não achas que elle já enfastia com essa cousa de subir aos telhados de todos os tempos, a escalar, a espiar sempre com os mesmos olhos? E a tal historia de descer pelas chaminés? E o eterno dispersar de presentes ricos para gente rica? Abuso. E' um Noél constante, intoleravelmente repetido, o mesmo, sempre o mesmo. Arre! Um Noél que tem visto tudo, um Noél immortal. Elle tem visto muito, é verdade, mas eu não apprendi essa cousa de conservar velharias.. Sou transformista, prompto. Preciso transformar. E o Noél, depois das minhas novas disposições, tornou-se-me insupportavel! Estou farta delle. Farta porque é o de sempre, fiel, constante, unico. Quanta cousa aborrecida! Se ao menos lhe mudassem a roupa! Não, isso não. Precisa de ser inteiramente transformado. A's vezes, me apiedo delle. Mas uma vozinha intima, me diz que lhe não devo tomar a defesa. E as encommendas? Percam-se embora. Mas transformal-o, em que? Num moço vigoroso, "sportman", rescendendo á felicidade, bohemio, dispersivo, emotivo com um collegial e bruto como "boxeur?" Um Noel cheio de qualidades e defeitos? Ora alegre, doido, impetuoso, brilhante irrequieto, distribuindo ouro e pedrarias a mancheias, ora calmo, silencioso, meigo, amoravel? Ou displicente, enfastiado, elegantemente desdenhoso? Um papá Noél de olhos humidos e largos, vestido pelo ultimo figurino, perfumado a Violet, querido de mulheres... Mas este, assim bonito, assim tresclante a essencia fina, querido de mulheres. Uhm! Este. Eis no que deu o meu proposito transformador. Castigo para quem ama as mascaradas. Um elho lendario, tão bomzinho, com todas as caracteristicas acommodaticias, simpathicas e frutuosas quiz eu transformar num boa vida, num "gigolô"!

ALBA DE MELLO

MASCARA DE COLOMBINA

QUADRO

A lua estava vermelha no constellado céu da Judea.

O vento que soprava trazia o perfume suave das floridas campinas que percorrera, o cheiro sadio das fartas searas que balançara, o arôma subtil das regiões longinquas por onde volteára.

A vóz prophetica de Iocanaan não mais se fazia ouvir... dezapparecera para que outrá mais meiga fôsse ouvida.

De distantes e exóticos paizes da Asia, chegava a noticia alviçareira de que estavam de caminho para a Judéa o Oiro, a Myrrha e o Incenso.: Corria tambem que se haviam movimentado, despertados pela vóz das alturas, a Poesia rustica e os Humildes, que têm o firmamento por tecto. Dizia-se ainda, haver uma consciencia que, sendo maculada, estava acabrunhada por presentir algum acontecimento estranho.

Tudo isso porque em humilde recanto da humilde Belem, nascêra um Menino.

Tudo isso porque em escuro logar da escura Belem, se acendêra uma Luz.

E todo o Mundo affluia para vêr a Creança, e todo o Povo se achegava para ser illuminado.

Na Mãe extenuada e embevecida e espantada por ignorar o motivo de tão grande romaria — ninguem reparava !...

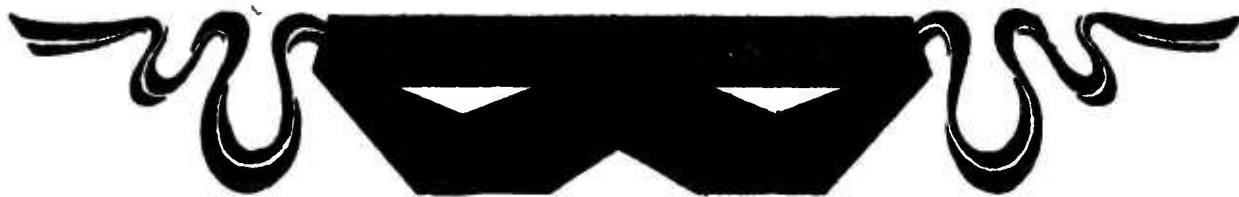
A multidão condensava-se e comprimia-se, porque todos queriam vêr o Recem-nascido :

Chegavam em apparatosas carruagens, com as rutilancias do luxo, após penosissima viagem, o Oiro, a Myrrha e o Incenso, e ajoelhavam-se, prostravam-se ante o Menino ; depois, com o corpo coberto pela poeira vermelha da estrada e molhado pelo suór forte do trabalho, com o cabello penteado pela brisa, com a pelle adusta e aromatizada pelo sol, apparecia a Poesia-rustica ; e assim vinham chegando e se iãm ajoelhando a Riqueza e a Miseria, o Luxo e a Humildade, a Perversidade e a Bondade, a Hypocrisia e a Sinceridade... Todos adoravam o Menino.

No entanto — a Mãe chorava !

Chorava, porque no olhar translucido do Innocente ella vira reflectida, não a sua imagem, mas a da Humanidade. Por isso ella comprehendêra que Elle não era o simples filho sonhado por sua imaginação ingenua e pura — filho que poderia abraçar, aconchegar contra o peito e o qual lhe retribuisse todo o seu amor egoista de Mãe !

A lua vermelha ia-se deitando, tranquilla, nas calmas planicies da Judéa.

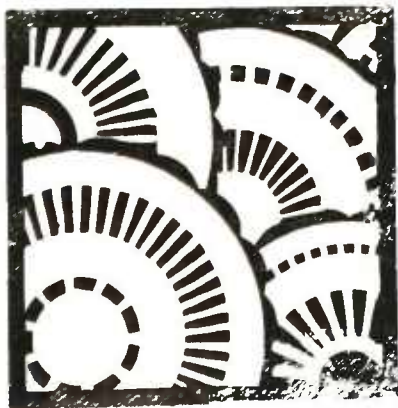
REIS JUNIOR

NOITE DE NATAL

Castanhas, nózes, pássas, rabanadas,
mais o presépe ; e esse principal :
a arvore do Natal,
cheia das belas FRUTAS desejadas
— SONHOS madurecidos por encanto,
entre fócos de luz,
como se fossem dadivas de um santo
ao menino Jesus.
Mas, Reynaldo afagava o seu projecto,
e não havia meio de evita-lo :
o feiticeiro sonho prediléctо
era a missa do galo.
Já por outros nataes elle dormia,
vestidinho e calçado, ali, no chão,
exhausto de esperar :
e chegou a supôr fosse mentira
— uma pura illusão —
o espectaculo, inédito e sem par,
de uma missa tão linda, á noite, quando
os pyrilampos tremeluzem, voando...

Desta vez elle foi. Com que alegria !
Ora ficava atraz, ora corria,
passava adeante, e, logo após, voltava.
Quanto tempo aguardava AQUILLO. .Emfim...
E no seu coração, como um clarim,
um galinho cantava...

Voltou, silencioso e esbodegado.
Não devia andar longe o galicanto,
quando elle entrou em casa. O velho encanto
findara...E o sonhador inveterado
correu direito á cama do Adolphinho,
e o despertou para contar, baixinho,
toda a desillusão :
"Meu NEGO, A GENTE FOMOS ENGANADA :
a missa é só de padre e sacristão..
Não tem galo nem nada...

THEOPHILO BARBOSA

Sra. ALBA DE MELLO

Aspectos do chá realisado no Cine-Theatro Republica e promovido pelas ex-alumnas do Collegio Sion.

Depois das longas rezas das vesperas e matinas, as curtas palestras, vivas e incisivas, dos chás vespertinos.

Ainda o chá do Republica. Foi uma reunião de elegancia, onde fielmente se observaram os preceitos de Marilú e Mahitê.

No desenho Jazz da toalha espelham-se as complicações da nossa vida elegante. Mas na frescura dos cravos respira a bondade que inspirou a festa do Republica.

Em Santos. A talentosa menina Maria Arisbella de Mello, na noite de 6 do mez passado, quando realizou um recital de declamação em homenagem á familia Alberto Baccarat.

Um duo que sorri... ou da gente, ou para a gente

Versos a uma boneca

Para a gentilissima patricia Cotinha Bloem.

Sentimo-nos ingenuos perto della,
Pois são do céo os dons que ella enthesoura;
E, apezar da friesa que revela,
Tem coração e sonha esta boneca loura.

Querem-na os poetas — timidas crianças! —
E a todos ella, pertinaz, resiste,
E embora esmague tantas esperanças,
Tem coração e soffre esta boneca triste.

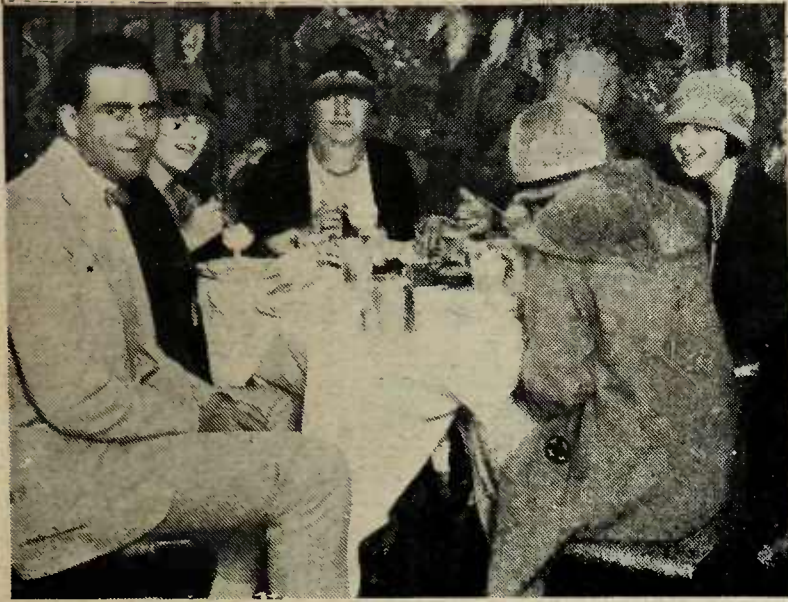
Lembram doces nataes de Nuremberg
Os seus olhos azues de porcellana;
Pouco importa que o mundo assim a enxergue:
Tem coração e chora esta boneca humana...

Que pena a gente mundanaria e futil
Não a pudesse interpretar ainda!
Diga-se della o que quizer, é inutil:
Tem coração e ama esta boneca linda.

GALEÃO COUTINHO

Trez alumnas da Escola Alleman

Um grupo de alumnos daquella Escola, vendo-se ao centro a professora Therezinha Arruda

Ivonne Daumerie, que São Paulo inteiro conhece e admira

No chá da Casa Mappin. A fauna e a flora dos cretonnes, estampados em coloridos bataclanicos, não têm o brilho dos sorrisos que se polyphonisam sabiamente.

Outro aspecto da festa do Republica, de que já temos falado. Ellas sensibilisaram tanto as lentes anastigmaticas da objectiva de "Arlequim" que quasi no meio da placa surgiu um "halo".

Um grupo de lindas criaturas, que esconde sob seus carapuços de varios feitios a massa cinzenta côr de rosa onde dançam os sonhos da mocidade.

POETA DA RENUNCIA

Já lá vão seis ou sete annos.

Uma noite magnifica. Illuminada. Cheia de versos de Bilac.. Perpassava pelo ambiente um rumor exquisito, sensacionalmente mysterioso. Devia ser a Via-Lactea. A lua, vestida de noiva, sem protocollo nenhum, andava brincando de "esconde-esconde" com as estrellas namoradeiras.

Não olhamos mais para a fabulosa joalheria de Deus. Não gostamos de parar em vitrines.

Um electrico. Nem um logar. E' preciso a gente viajar dependurado.

Pulámos na rua Antónia de Queiroz. Caminhámos alguns metros. Poucos.

Uma casa modesta. O dono, um homem tambem modesto. Um homem modesto e uma intelligencia aristocratica. Fidalga. E elegancia de caracter.

Entrámos. A casa e o homem attrahiam-nos.

A noite estava mesmo deliciosa!

No bairro. Uma charanga á tôa. Uns taboleiros sujos. Uns doces pretos. Uns vendedores pretos.

Hoje — Grande funcção — Hoje!

As crianças queriam ir ao circo. As crianças tinham conseguido o principal: a companhia. Companhia para acompanhamento...

O pae preferia ficar mettido entre a multidão de livros e uma porção de quadros. Não era admirador do Chicharrão. Não era.

A "companhia": um rapazinho moreno, estatura regular, nariz regular, bocca regular... Os olhos não eram regulares. Grandes, muito brilhantes. Expressivos. Altamente expressivos. Quási illuminados. E pareciam reflectir uma suave, immensa bondade, que transborda de um coração generoso e santo. O coração (quem foi que disse?) é a retina da alma.

Não conheciamos aquelle mocinho, timido e pallido.

O dono da casa, o nosso querido poéta das "Espumas" tem pressa em pronunciar as palavras do estylo:

— Benedicto Rodrigues de Abreu, nascido, como eu, nas margens do Capivary. Esse menino sabe inventar versos!

Foi esse o nosso primeiro encontro com o creador d'"A Sala dos Passos Perdidos" — amphora maravilhosa de sentimentos doridos.

Começámos, nesse dia, a amar o poéta.

O mocinho acanhado, de olheiras profundas, havia publicado, — primeiro — "Nocturnos" Folheto singelo. Mal acabado. Humilde. Feito, ás pressas, numa typographia pobre, ali de sua linda cidade natal. Era o começo. Após, veio o livro da inspiração.

Rodrigues de Abreu — poéta mystico!

No meio das preoccupações terra-a-terra, que augmentam as angustias, este vate admiravel — como escreveu, ha pouco, Plinio Salgado — não quiz nada para si, sinão um pouco de espiritualidade.

Poéta da renuncia!

O burilador de "Casa Destelhada" conheceu, melhor que ninguem, a abnegação, o desprendimento, o altruismo. Em todos os seus pensamentos, em todos os seus versos, em todas as suas palavras, em todos os seus gestos, ha o desinteresse pelo "ser" que apparece, sempre, em derradeira plana, ou não apparece.

Poéta e santo! Silveira Bueno tem razão.

Rodrigues de Abreu é irmão gemeo de António Nobre. Correu-lhe nas veias, com certeza, o mesmo sangue que animou o vulto maior da humanidade, aquelle divino vagabundo de Assis.

Rodrigues de Abreu foi o capuchinho do amor.

E elle conversava com o aedo de "Só":

A minha a ma é da tua irmã ou neta;
antes, é a tua que anda hoje commigo

E andava mesmo.

O creador de "Macega Florida" sabia ser abnegado.

Soffre. Soffre muito. E, todavia, não protesta. Não morde os punhos. Não clama. Não praguеja. Não blasphema. Não!

A renuncia.. A renuncia.

Rodrigues de Abreu tinha o culto do perdão.

Em seus canticos anda, sempre, uma aragem suavissima de religião, um halo de amor, um amor grande. Os seus olhos estão sempre voltados para o céo.. para o Senhor!

. tudo o que existe sobre a terra,
é o perpetuo milagre da tua bondade!

Tu me concedeste o amor,
e em meu amor me feriste...
Mas, não fiquei acabrunhado e triste.
Abençoei-te e beijei as tuas mãos, Senhor!

Poéta, apenas poéta, simplesmente poéta, o constructor de "Casa Destelhada" sabia dizer, com encantadora singeleza, com uma affectuosidade que emociona, as cousas adoraveis, cheias de sentimento e harmonia, que brotavam daquelle grande coração, feito para a dôr e para a arte..

Rodrigues de Abreu foi um sentimental. Mas um sentimental moderno. Soffreu no seu tempo, sentindo a nevrose do minuto. Sonhou e experimentou os anseios de sua época.

— Morra o luar! Abaixo o lyrismo!

E o grande vate da "Canção da Minha Vida" en-

carregou-se de abafar as vózes allucinadas... A modernidade não devia e não podia exigir de seus adeptos mais que liberdade e sentimento...

Rodrigues de Abreu semelhava, com aquellas barbas pretas, que elle deixou crescer para não se lembrar que os barbeiros não têm alma, um suave e bonissimo missionario. Apostolo e missionario!

E como missionario e apostolo, e como santo, elle não sabia chorar. Ainda mesmo que fosse

... um desses choros consolados,
que romantisam toda desventura
e que perdoam todos os peccados...

HONORIO DE SYLOS

O CIRCO

Na cidadesinha que está morrendo, porque todos os pinheiraes por perto se acabaram,
em cima de sacolejados caminhões velhos, um circo chegou.

Chegou para partir no dia seguinte para uma cidade que nascia.

Os porcos mansos, que estavam deitados ao longo da grande unica rua, fugiram com o ruido do bumbo.

Um palhaço magro veio, seguido da meninada.
E a alegria tanto tempo ausente chegou com o circo.

"Oh raio! oh sol! suspende a lua
Bravos palhaço que estás na rua."

Os velhos olharam com os grandes olhos mortos
para o circo que se ia erguendo.
todo de lona remendada
os moços se offereceram para ajudar.

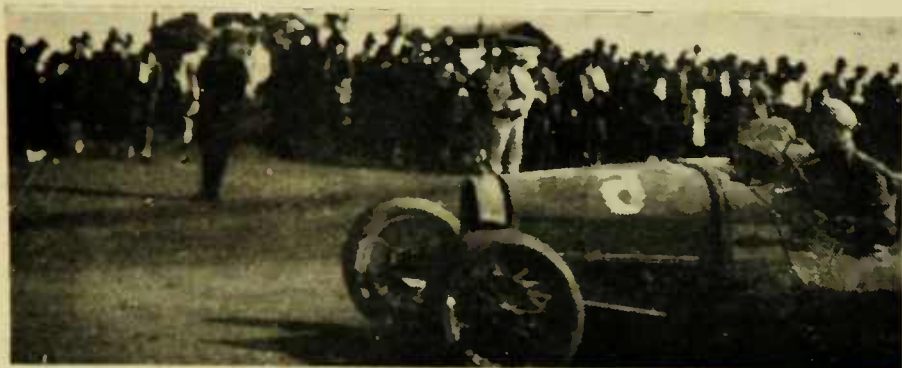
Um sujeito de bigodes compridos espetou no chão um cartaz
"Grande e unico espetaculo"

As meninas puzeram as roupinhas melhores.

"Oh raio! oh sol! suspende a lua
Bravos palhaço que estás na rua."

Mas a noite veio feia
Um vento máo agitou as casas pequeninas de madeira
A chuva caiu com força sobre a
cidadesinha triste.
E não houve funcção.

Augusto Frederico Schmidt

A PIEDADE - Monumento da familia do marechal Caviglia, no cemiterio de Staglieno (Genova). Declarado monumento nacional, pela sua primorosa factura, de puro estylo grego. E' uma das ultimas obras do velho artista Pasquale Fosca, nosso hospede.

Aspectos das grandes corridas do dia 11, realisadas no Sacoman, por iniciativa do Volante Club e que foram especialmente concorridas e muito bem disputads.

Acima um dos "Bugatti" victoriosos. Ao lado um grupo que se abriga de sól, mas sonha correrias para o mar, com vento e sol.

Ao lado, o famoso "az" do Volante Nascimento Junior, opt mo segundo depois do famoso Lage, que foi brilhantissimo primeiro, pilotando uma "Bugatti".

NOSSOS BRINQUEDOS

São Nicolau das barbas brancas,
De alto capuz benedictino,
Nas costas leva um grande sacco
E vai seguindo o seu destino.

E' meia noite. Nas janellas
Ha sapatinhos ao sereno
E a cada espera corresponde
O sonho leve de um pequeno.

Mas, de repente, o Santo pára;
Uma janella está vasia
E pelas largas frinchas de ouro
Chegam-lhe vozes de alegria.

Será possivel que este mundo
Esteja assim tão duro e máu
Que nesta noite os bons meninos
Esqueçam de São Nicolau ?

Sente-se logo curioso,
Quer descobrir porque naquella
Casa, não ha nenhum sapato
No canto escuro da janella.

Vai espiar pelo buraco
Da fechadura... — "Pobresinhos !
São os filhotes dos tropeiros,
Nunca tiveram sapatinhos ! »

— "A gente pobre é gente estranha,
Faz como pode o seu Natal;
Aquelle avô que fuma ao canto
E' meu retrato... de avental ! »

Todos estão muito contentes
E o Santo segue, olhos molhados.
(O plenilunio entorna leite
Na symetria dos telhados)

E a sombra pára. Pela noite,
Se ouvem palavras muito mansas:
— "Estas creanças — são brinquedos
E este papae — são as creanças !

AFFONSO SCHMIDT

Reminiscencia

Com que saudades ouço a voz dos sinos,
a relembrarem, carinhosamente
o dever do fiel...
E' que eu ja fui creança, eu ja fui innocente,
tambem acreditei como vós, pequeninos,
em Papá Noel.

E hoje, com o peito a transbordar de magua,
os olhos rasos d'agua,
olhos de sonhador, ferteis em fantasia,
penso ainda vel-o: as longas barbas brancas,
o passo tardo, a saccola repleta
de brinquedos, confeitos e quinquilharias...

Hoje, que tenho em minha face sulcos abertos pelo soffrimento,
ainda te espero, como se ignorasse
que não virás...

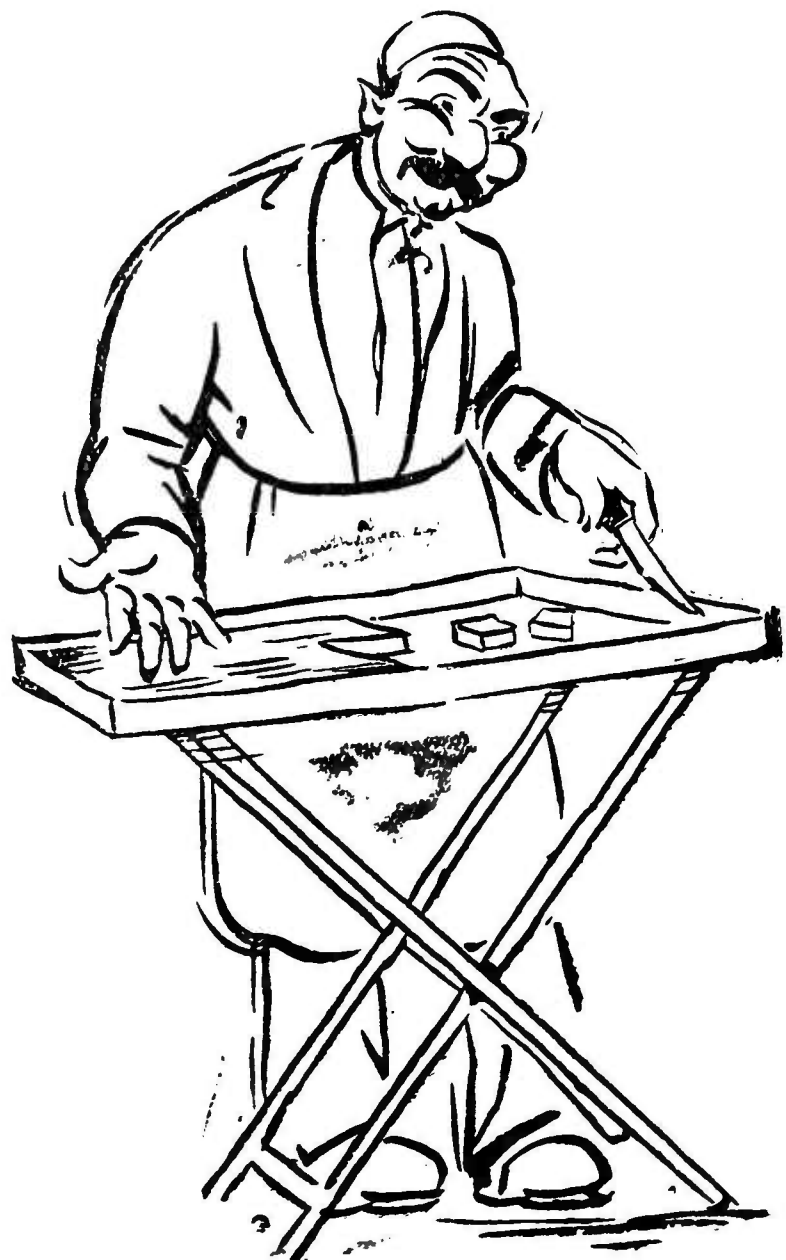
Não virás, meu bom Pae, porque partiste,
bem velhinho,
a cabeça toda arminho,
coração todo carinho,
para o infindavel caminho,
para o eterno degredo.
E partindo,
desvendaste afinal
o lendario segredo:
— Eu nunca mais no meu Natal
tive um brinquedo.

MARIO L. DE CASTRO

FLAGRANTES DA PAULICÉA

Scenas e typos da nossa "urbs" tão esplendidamente confusa, apanhados pelo lapis agil de J. G. VILLIN.

Offerta que se recusa á primeira vista... ou fala.

O menino que já sabe o senso de muita verdade biblica.

Aos retalhinhos, aos pedacinhos o immigrante vae ficando rico. O Brasil é um paiz essencialmente agricola.

O que vende sempre o ultimo bilhete. E que está premiado, com certeza.

Si a mocidade soubesse, si a velhice pudesse. Mas, Voronoff está ahi...

A victima apparente é ella. A provavel é o elle de grossos bigodes.

O ETERNO DIALOGO

— O que você prefere: castanhas ou broinhas?
— Qual dellas está mais gostosa?
— Creio que as castanhas, porque as broinhas fui eu que as fiz.
— Então prefiro as broinhas. Olhe: dê-me tambem um pouco daquelle vinhozinho que seu pae não dispensa.
— Prompto, prompto. E obrigada pela preferencia.
— Nada, ora essa. Pois se eu ca vim para comel-as!
— E para mais nada? Só para comer as broinhas?
— Para dançar tambem.
— Só isso?
— Para dançar com você. Que mais poderia eu querer?
— Ah! Mas creio que não poderei dançar muito comsigo. Olhe quantos convidados...
— Ha cinco annos, nas vesperas de ir-me embora e quando cá estive, eram tantos como hoje. E você só conversou commigo..
— Mas eu era então uma menina.
— E pensa que é hoje mais do que uma menina-moça?
— Penso nada. Mas já tenho a obrigação de attender os convidados.
— Ora, deixe de historias. Deixe issso com as suas irmans, que têm mais responsabilidade. Venha sentar-se aqui ao meu lado.
— Um pouquinho só.
— Conversemos um pouco. Quero matar minhas saudades.
— Sim, um pouco podemos conversar.
— Mas não será mais agradavel irmos ao jardim? Aqui está tão abafado!
— Parece que você nem notou que está chovendo...
— Que massada! Venho de tão longe para assistir á sua festa de natal e chove.
— E está aborrecido com isso? Entretanto, ha cinco annos, quando você cá esteve nesta mesma festa, choveu tambem. Lembra-se?
— Oh! se me lembro. Não tenho mesmo feito outra coisa senão lembrar-me. Mas é que eu tinha de dizer-lhe coisas, hoje...
— Seriamente?
— Pois então duvida? Duvida de que tenho saudades?
— Não duvido, pois que as tenho tambem. Mas não podia ter certeza de que você me vinha dizer coisas...
— Pois venho. Mas aqui dentro não as digo. Em dois minutos chamariamos a attenção da sala inteira.
— Mas foi aqui neste mesmo logarzinho que ha cinco annos você me leu a "buena-dicha". E nem a chuva, nem esta porção de gente, o impediram de me dizer tantas coisas inuteis e de me pôr nesta cabecinha uma tal alluvião de esperanças.
— E' verdade, foi aqui mesmo, nesse mesmo sofa. Quer que lhe leia outra vez as linhas? Dê-me sua mão.
— Cá está. Mas aposto que me vae dizer as mesmas tolices que me disse então.
— Vou dizer as mesmas verdades. Sua mão não mudou em nada! Está apenas mais linda, como você.
— Isso você já me dizia ha cinco annos.
— E confirmo agora. Provo assim que não mudo facilmente de opinião.
— Aposto tambem que me vae dizer outra vez que um moço loiro, alto, elegante...
— Elegante, não.
— ...bonito, fino...
— Protesto.
— ...se vae atravessar em minha vida.
— Atravessar só, não. Vae ser a sua vida.
— Impossivel. Você bem sabe que eu não gosto dos loiros e detesto os altos...
— Seus olhos estão dizendo o contrario. E seus olhos não enganam.
— E'? Pois então quem será esse moço alto e loiro?
— Você está cansada de saber quem elle é.
Pois não estou. Quem é elle?
— Eu. Quem mais haveria de ser?
— Mas você sabe se eu o amo?
— Você está confessando que sim. Não tem feito mais do que confessar isso, desde que aqui cheguei, como eu não tenho feito mais do que dizer-lhe que a quero para mim.
— Você é que não mudou em nada, meu amigo. Sempre o mesmo, alegre, brincalhão...
— Engana-se. Mudei muito. Tanto isso é verdade que você, ha dois minutos, não poderia imaginar que eu a iria pedir tão cedo em casamento.
— A mim?
— A você não; como se eu não soubesse que você consente! A seu pae.
— Quando?
— Agora. Olhe, lá vem seu pae. Vou falar-lhe. Com licença.
— Não, não, por favor, espere um pouco, conversemos antes...
— Deixe de tolices, menina. Aproveite este minuto para attender os convidados, porque depois não haverá tempo para isso. O' seu Fulgencio. Seu Fulgencio! Perdão: poderia dar-me dois minutos de prosa em particular? Para um assumpto importante? Sim? Então vamos lá para a varanda, primeiro. Quero antes de mais nada tomar um cafézinho e fumar um cigarro. Irra! que eu nunca julguei que meus nervos fossem tão máus e que meu coração désse tamanhos solavancos cá dentro. O senhor ri-se? Melhor para mim: porque em casos como este meu agora, é signal de que a praça está quasi rendida, quando o inimigo está de bom humor.

M. RITTER.

Luvas, bolsas, capas e sombrinhas — está esse grupo armado em guerra. A metralha — o sorriso — mal se acama, ainda, emquanto os "tanks", que são os olhos, estão guardados em prudente reserva.

A Forasteira

De onde veio? que desconhecidos mares lhe déram
os golfos verdes das pupillas?

Por que a taça esguia de seu corpo me deu aos labios
toda a volupia do seu vinho?

Para onde foi? que misterioso destino a impelliu
a jornadear por outras terras?

. . . .

Meteóro ou estrella, vi-a num instante e Ella ficou
para sempre na minha vida . . .

ANTONIO CONSTANTINO

Na ultima festa do grupo C. R. T. As "vermelhinhas" vestem claro, na maioria, emquanto os moços trajam escuro, num luto antecipado pelas suas illusões perdidas ou por perder.

TRIANGULANDO

Hora do chá, hora chic.
Sae na rua um vae-e-vem...
Em casa não ha quem fique!
Da cidade o tremelique
méxe com a gente tambem...

— "E' hora! São 5 e meia!
Vamos á Cada Allemã. "
— Ella inteira bamboleia
E a sua voz de sereia
Sae duns labios de romã.

Inda por cima é morena,
Dessa côr que não se acaba!
Mais leve do que uma penna
Tem um olhar que envenena,
Olhar de jaboticaba!

E fiquei de bocca aberta
Sonhando não sei com que.
A vista parada, inerte.
Quando o "grillo" sempre alerta:
— "Vamos! moço. "circulez"!

De novo me volve a vista
E vejo tudo outra vez:
— E' outra! Sae do dentista
E agora vae á modista
Ver um "robe" que ella fez...

Vestido justo, justinho!
Quanta forma a gente vê.
Seguindo a devagarinho,
Vou pelo mesmo caminho,
Sem saber mesmo porque.

Esta, então, que agora passa
mais branca do que o luar?.
E' paulistana de raça
Que sabe dar muita graça
Ao seu pequenino andar!

Sua amiguinha — um encanto! —
A bella nudez cultiva:
No vestir, despiu-se tanto,
Que ao vel-a, cheia de espanto,
Revejo Lady Godiva.

Até que encontro um marmanjo:
Um abraço. .uma cerveja.
— O que faço? — O tempo esbanjo!
Si na vida nada arranjo,
Vou vivêndo do "ora -veja. "

Agora são 6 e meia,
Já começa a escurecer
A cidade ficou feia
Sem ter mais o que se ver.

DR. FELIX

Linda e talentosa, Lygia Sarmento é a esperança mais moça da comedia nacional.

SÃO PAULO

como se fosse o berço meu,
é uma cidade no modelo
europeu.

Longas e lindas avenidas,
palacete e varandins,
ou linhas multicoloridas,
de jardins ;

ruas de nobre formosura
historica ou original
— como os padrões de architectura
colonial.

Os "belvederi" e as imprevistas
paisagens a descortinar
em scenario, para os artistas,
crepuscular ;

ou, pelas horas vespertinas
cessada a agitação febril,
o espetaculo das officinas
e seu perfil

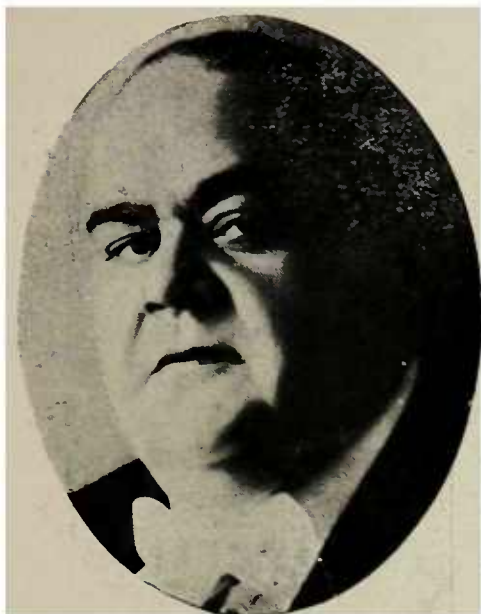
— tudo em S. Paulo é movimento,
vertigem, vida, resplendor
para o nosso deslumbramento
interior.

O que mais amo na cidade,
é, no entretanto, a alma feliz,
que bem reflecte a mocidade
de meu paiz :

a alma da terra brasileira
em sua força de expansão,
trazendo o amor da sua leira
no coração.

São Paulo é a força, a allegoria,
creada, nos altos gyneceos,
pela esplendida fantasia
do ultimo Deus.

CARMEN AZEVEDO

A FESTA DE CHABY PINHEIRO

Chaby Pinheiro

Chaby faz hoje a sua festa no Municipal.

S. Paulo gosta tanto de Chaby, que "Arlequim" tem pena immensa de que a grande casa seja tão pequena para acolher as familias paulistanas que se disputam o prazer alto de applaudir o comediante irreprochavel.

A companhia Fróes — Chaby, que não tem tido aqui senão salões repletos nesta esplendida temporada, levara á scena "O Abbade Constantino", peça em que o querido auctor defendera com a mesma naturalidade de sempre o seu papel predilecto.

Nossos votos são por que o artista luso magnifico possa verificar mais uma vez o gráu do conceito em que o tem, merecidamente, a culta platéa desta capital.

Motivos de Natal

A gente tem sempre um natal feliz. Um natal em que a gente era deste tamanho... e esperava o Papá Noél carregadinho de brinquedos. Um Natal distante, na provincia distante...

+

Eu tambem tive meu dezembro cheio de festas. Eu tambem tive um sapatinho pobre que se encheu de presentes, meus dias de Natal — que já vão bem longe...

O Natal de hoje parece differente. Papá Noel não me quer mais bem. Por que?...

+

Porque eu não sou mais pequenino?

Mas, eu tenho no coração todas as illusões, ou melhor, todos os sonhos daquelle tempo. Eu cresci, e soffri. Que importa! Nem o tempo, nem a dôr, conseguiram apagar no meu coração a tua sombra amiga, meu bom Papá Noel, meu avozinho do ceu!

Eu ainda sou aquella mesma criança. Apenas envelheceu o meu corpo. Vieram cabellos brancos. Vem chegando as rugas. Vão-se os impetos e as loucuras daquelle tempo. O coração é que não muda. A criança que eu fui é que ainda se lembra de ti, é que está ainda a sonhar, nos meus olhos, a tua presença e o teu milagre meu bom velhinho!

+

Onde está o carrocel da velha praça da minha provincia? Onde está o presepio, com o seu sorriso primitivo onde a crença dos meus avos ia banhar-se, numa invocação de christandade singela?

E o rumor festivo das saias de gomma no rythmo ligeiro das correrias familiares para o preparo das coisas saborosas?

+

Tudo passou para o rol do que se foi e que não torna mais. Só ficou dentro de mim, a minha meninice rebelde. Os meus oito annos irreconciliaveis com o senhor tempo. A minha infancia teimosa e boa.

O Natal ahi vem. Que bom si ella pudesse saltar da sua fusão e brincar, como outrora, com aquelle mundo de coisas coloridas que lhe sorriam! Pobre meninice captiva! A fingir que é velha e grave. A mascarar-se de rabujenta — para que não a chamem de louca!

Papá Noel, bem vês que a culpa não é minha!

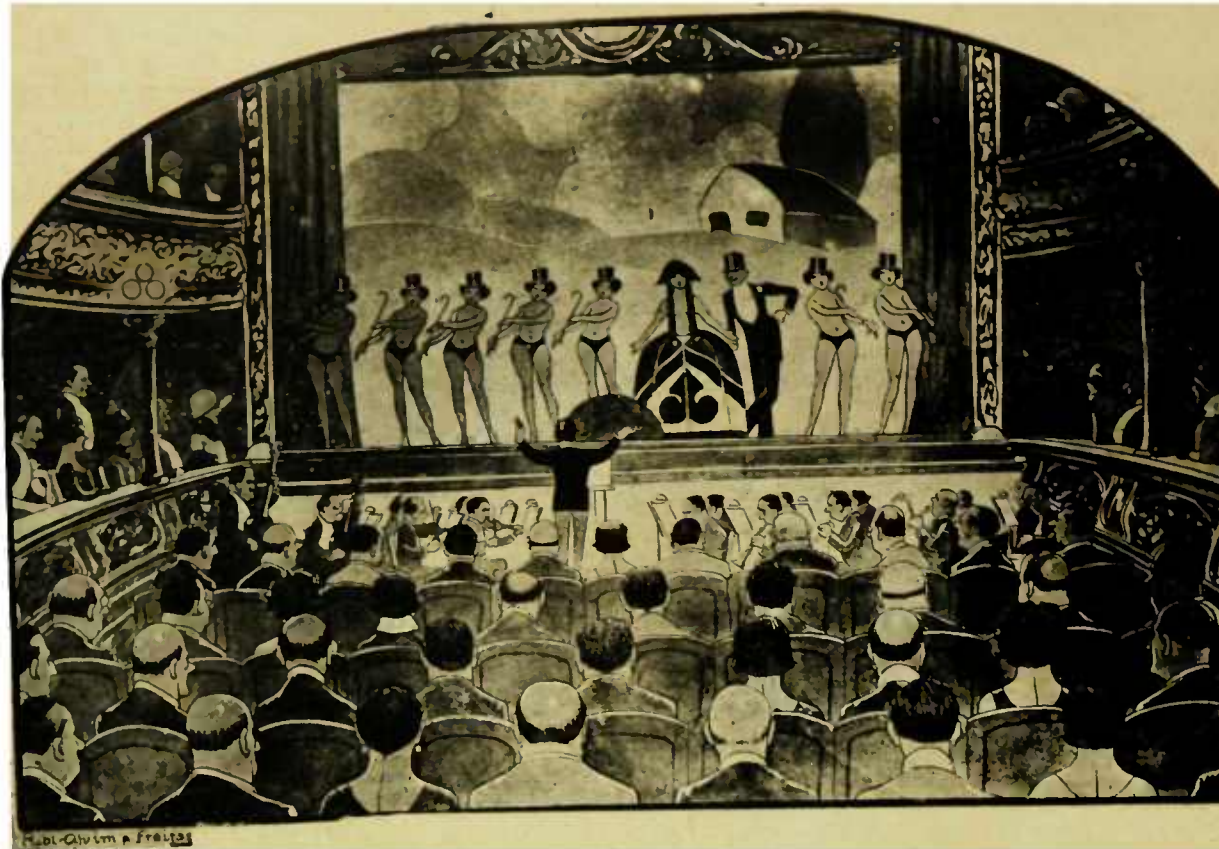
Corrêa Junior

Margarida Gauthier

Francisco Pezzi

Palmyra Silva

As "girls" da Companhia Arruda. Ellas vêm ahi.

Cascata no Rio das Pedras, em Cubatão. Foi, não é. Quem não viu, não verá mais. Com as obras da "Light", desappareceu.

N'um Theatro 60 % são Calvos!

Quando V. S. fôr a um theatro observe que 60 % dos espectadores são calvos.

A calvicie, em geral, provém do mau trato e desleixo de muitos, para com o cabello. E tudo quanto é mal tratado, caminha a passos largos para a degeneração.

O cabello é atacado constantemente dor innumeras molestias, que precisam ser combatidas, sob pena, de alastrarem-se por todo o couro cabelludo, exterminando-o por completo.

As caspas são um dos maiores inimigos do cabello. Essas caspas que V. S. vê hoje no seu cabella, serão com certeza, a causa da sua futura calvicie.

PORQUE NÃO COMBATER DESDE JA' O MAL?

A Loção Brilhante é absolutamente inoffensiva, podendo, portanto, ser usada diariamente e por tempo indeterminado, porque a sua acção é sempre benefica.

Usando a Loção Brilhante V. S. combate os cabellos brancos e terá a cabeça sempre limpa e fresca. E o cabello forte, lindo e sedoso. Evitará as caspas, a queda do cabello e a calvície.

A Loção Brilhante não mancha a pelle, nem queima os cabellos, como acontece com alguns remedios que contém nitrato de prata e outros saes nocivos. E' recommendada pelos principaes Institutos Sanitarios do extrangeiro e analysada pelo Departamento de Hygiene do Brasil.

CUIDADO COM AS IMITAÇÕES

NÃO ACCEITEM NADA QUE SE DIGA SER "TÃO BOM" OU "A MESMA COISA": PODE-SE TER GRAVES PREJUIZOS POR CAUSA DOS SUBSTITUTOS. EXIJAM SEMPRE

UNICOS CESSIONARIOS PARA A AMERICA DO SUL:
ALVIM & FREITAS — R. DO CARMO, 11 — S. PAULO

figurados, fulguraram na visão final de um mundo novo, na revelação inesperada de uma vida divina! E sentiu então, na sua agonia venturosa, uma força nova que o envolvia e o arrebatava da terra misera para a manção illuminada — onde não havia mais sede!... Encarou estactico essa surpresa, e contrahindo os labios tremulos, sorrio no encantamento de extase novo... Brilharam-lhe, pela ultima vez, os olhos moribundos, depois, esquecido da vida, dos sonhos, das crenças vãs, das hypotheses absurdas, deixou cahir de lado a cabeça e, banhado pela luz de um dia que já não era seu, murmurou:

— Deus! Deus!

E Frei-moribundo, com as barbas em desalinho, o rosto voltado para terra, buscava lobrigar no seu seio escuro, uma visão argentea e fluente. A miragem lhe fazia passar pela mente escandecida a lembrança da agua serena, a correr. Queimava-lhe a garganta a sede que o amesquinhava. Frei-allucinação sentia que a luz se obumbrava, que o ceo lhe seccava a alma e a bocca. Abriu os olhos, cravou-os na terra que nunca virá e nunca amára, buscando no seu seio hostil a vida ephemera que lhe devia dar forças para se levantar, alçar os olhos e depois cahir de joelhos e adorar, de olhos fitos na luz eterna — o seu guia, o seu pae que, no entanto, não lhe dava alli de beber!...

Frei-converso viu então, no meio de verduras encantadas, um templo transbordante de luzes, rociado todo e cheio de marulhos vagos e occultos. Sob um docel irizado viu um altar de onde brotava agua diamantina que enchia o templo, de mistura com luzes de mil sóes... Uma legião de crentes, em extase, de boccas sequiosas, recebia nos labios esticados a communhão com aquella agua divina e bemdicta que lhes dava a redempção e a vida!... E exhausto, e consumido pela febre que o seccava, curvou-se mais, mais fixou a terra escura e morreu clamando:

— Agua! Agua!

A. DE QUEIROZ

Canção de Bilitis

Deu-me um collar, o primeiro,
que tem a côr do Oriente,
de incalculavel valor!
E me dera o mundo inteiro,
triste de dar-me um presente
menor do que o seu amor!

O segundo me fez versos
que por ahi andam, dispersos,
em que, lyrico, dizia
— poéta como Anacreonte? —
que eu era a luz do seu dia,
o sol do seu horizonte!

E era o terceiro tão lindo
que até sua mãe o olhava
como as amantes rugindo...
Beijava-me as mãos os pés
e ajoelhava e chorava
diante da minha nudez!

Só tu nada me disseste,
que és parvo; nada me deste,
que és pobre, e tu não és bello
como aquelles que proclamo,
mas o teu amor é um élo!
mas é a ti, é a ti que eu amo!...

ATILIO MILANO

Vinho de Vida

Era uma taça de oiro puro,
onde, em vinho de vida, transbordava,
como n'um sonho ingenuo de criança,
a explendida promessa do futuro.

Tinha estranha virtude, estranho dom,
aquelle vinho generoso e bom,
que havia em minha taça:
— cada vez que o provava,
minha magua maior se transformava em graça.

Caminhei pela vida. Amei. Soffri.
E a todos os pesares eu venci.

E, assim, a propria vida cinzelou,
com requintes de artista primoroso.
a minha taça de oiro.
E o vinho que era amavel, generoso,
mais puro se tornou...

Tu, que vaes pela vida, inquieta e louca,
na inutil busca da felicidade,
pára um instante e leva á tua bocca
a minha taça e bebe á saciedade
este nectar divino da esperança.

RAUL SANTOS

Roxo

Rôxo, Viuvez, Tons vagos, soledade...
Luto que vae a dissipar-se apenas...
Rôxo, côr suggestiva das gangrenas,
Que a alma de escuras impressões invade.

Rôxa é a dor, e bem rôxa é a saudade,
Ama o rôxo quem tem maguas e penas:
Assenta em todas, loiras e morenas,
Crianças, moças, em qualquer edade!

Côr de vagos e extranhos symbolismos,
Desde o lilas á escura côr dos goivos,
Roxas macerações dos mysticismos!

Côr pisada, côr violacea das olheiras,
(Oh! aquelles maguados olhos noivos!)
Das amadas, das viuvas e das freiras!

Negro

O negro, a côr da Magua, a côr sombria,
Cedo a vestiste, pobre penitente,
Que em plena boda viste de repente
Cahir-te ao lado o noivo, a face fria!

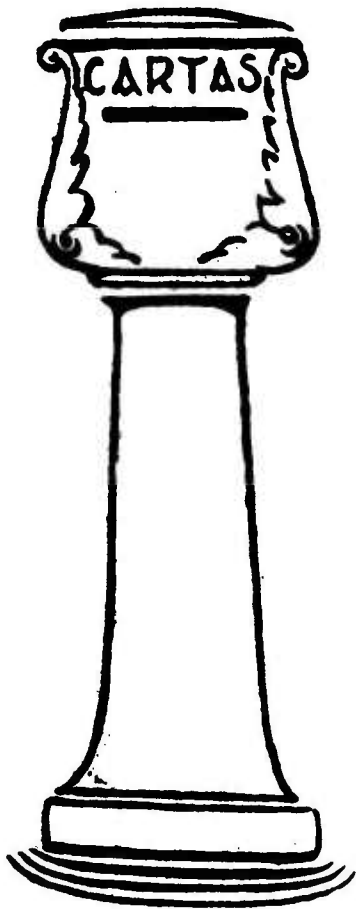
Triste viuvez! Trocaste, num só dia,
O véo de noiva pelo véo dolente;
A Morte fez-te (tragica ironia)!
Da alcova nupcial camara ardente.

Teve-te a vida prologo bem triste;
Lirio que o temporal tombou da haste,
O conselho de Hamleto, emfim, seguiste,

E as flores ainda intactas da capella
No claustro de um convento amortalhaste,
Esposa de Jesus, viuva e donzella...

RAUL DO VALLE

AOS QUE NOS ESCREVEM

May — (Capital) Ahi está a sua idéa dando vida e graça a esta pagina. Feita ás pressas pelo Villin, mal descripta por mim, não terá, talvez, ficado ao seu gosto. Emfim, é a prova de que a suggestão foi acceita aqui em casa, onde você, May, é das pessoas mais queridas.

Antonio R. da Silva — (Capital) Vamos ler uma das quadras do seu "Alma Bohemia" dedicado a L. V.

"A terra o meu leito sagrado o frio chão
Coberto com o manto da orfandade adormeço
E a noite tristonha com a luz morta do lampeão
Aponta-me aos teus olhos, neste sujo recesso."

Escute, moço! Quem é L. V. que teve a fortuna de lhe inspirar paixão tão violenta? Deve ser linda essa mulher que o faz vibrar em amor tão incomprehensivel. Quer dizer-me o seu nome? Digamo, sim? Quero dar-lhe um conselho: que não permitta nunca mais cheguem á redacção do "Arlequim" lamentos tão sentidos e commoventes.

E até outra vista, não?

Myriam — (Capital) Você entra, tira o chapeusinho muito á vontade, faz-me um sorriso, chama-me por você e, quando eu já estava quasi gostando de você, você me atira um desaforo a queima roupa, sem cerimonia nenhuma, como se eu fosse o mais pacato dos burguezes, o mais detestavel dos homens.

Você, Myriam, com cinco palavras apenas, me disse a peor das offensas, a mais feia de todas. Nunca me vi tão calumniado, tão desprezivel como quando li esta coisa: "Você deve ser bom moço." Estas cinco palavras, Myriam, arrazaram-me. Perdi a vontade de comer, tive insomnias e, garanto a você, cheguei a pedir a minha demissão do "Arlequim".

Bom moço! Bom moço é o menino que vende bacalhau ou chita, aos metros. Que se deita ás nove horas e faz gymnastica sueca, ás cinco, quando se levanta. Que se commove com Delly traduzido. Que dansa aos sabbados no club do bairro e vae á missa, domingo, vestido na sua roupa mais bonita, quasi sempre cinzenta. Que tem uma namorada na esquina e dinheiro na caixa economica. Que ganha cento e cincoenta mil réis por mez, com os quaes paga pontualmente a lavadeira, compra cigarros, vae ao cinema uma vez por semana, dorme, come, sem ficar devendo nunca um tostão a ninguem.

Não, Myriam, depois daquella phrase não pude ler mais nada. Assim, o resto da sua carta ficou prejudicado. Culpa sua. Emfim, veremos. Na proxima semana, quando tiver passado o gosto ruim... creio, até, que seremos muito bons amigos, que a sua letra é das mais interessantes.

Avlis — (Capital) A sua carta foi o diabo. Bem razão tenho eu quando não gosto de me metter com gente muito culta. E você, Avlis, deve ser um paço de sabedoria para citar assim, a torto e a direito, sem pretenção nenhuma, coisas profundas como esta: "Victris causa dies placuit, sed vita Catoni."

Não, seu Avlis; você esta lidando com humildes jornalistas que só fazem literatura por necessidade. Não procure diminuil-os, pois.

Mas, vejamos o soneto "Simples". Ha, nos seus quatorze decasyllabos, um ou outro fraco, como este, por exemplo:

"Viver assim... Sejam nossos desejos"

ou este, que sahiu fora da conta:

"Não nos perturbem as almas enlevadas"

Ha, porem, coisas bôas nos seus verso Não abandone, pois, as musas que teremos sempre muito prazer em recebel-o, com a condição, entanto, de nunca mais nos enviar nada em... latim..

Cely — (Capital) Você parece ser intelligente e soube fazer graça. Pode frequentar a casa, portanto, que a senha aqui é esta: intelligencia ou belleza, dando-se preferencia á ultima, naturalmente.

Sabe de uma coisa? O seu "Coração de Arlequim" metteu ganas no Mauricio. Tambem, você foi fazer um pasticho com os versos delle...

VALERIO

Do Persa Omar Kayyan

Cansei de interrogar inutilmente os homens e os livros.

Assim, interroguei a taça.

Collei nos seus labios os meus labios e ciciei:

"Para onde irei, depois da morte?"

E a taça respondeu:

"Bebe na minha boca, bebe! Bebe longamente. Nunca mais, nunca mais voltarás a este mundo".

Dizem-me:

"Não bebas mais, Kayyam!"

Respondo:

"Quando bebo é que oiço o que dizem as rosas, as tulipas e os jasmins. Escuto até o que me não pode dizer a eleita do meu coração!..."

Que devo hoje fazer? Ir á taverna? Sentar-me num jardim? Passar o dia curvado sobre um livro?

Vôa um passaro rapido. Onde irá o passaro? Já o perdi de vista.

O' ebriez de ave no azul morno do espaço!

O' melancolia de homem sob a sombra suave da mesquita!

Quando ao peso da dor cambaleares, quando não houver mais lagrimas em teus olhos, pensa.

Pensa nos campos que se tornam verdes depois das chuvas.

Quando te entediar do dia a rutilancia, quando desejares uma noite eterna descendo sobre o mundo, pensa.

Pensa no despertar de uma creança!

O Milagre do Menino Jesus

(CONTO PORTUGUEZ)

Chovia desabaladamente... E a noite fria e lamacenta ia escorrendo seus minutos tristes, sem que uns magros tostões cahissem no chapeu roto do velho mendigo.

Noite de Natal... Deixára o pequenito na mansarda ja a dormir... a sonhar decerto com aquelle cavallo tosco, de papelão, que o seduzira na montra suja da uma venda. .

— Oh ! Avôsinho !... Se o Menino Jesus me désse aquelle cavallo.

Havia de dar ! Havia de dar ! Meia duzia de esmolas, ainda que modestas, chegariam para aquella grande alegria ao netinho adorado, unica luz dos seus olhos, unico afago da sua alma ! E o velho mendigo, com maior anciedade do que se fosse para comer, toda a manhã e toda a tarde correra de loja em loja, ao frio e á chuva, esperando á sahida as mães ricas que procuravam os automoveis, ajoujadas ao peso dos presentes com que iriam abrir sorrisos do céo na bocca linda dos filhinhos.

E o pobre relembrava os Nataes da sua meninice quasi confortavel, lá na aldeia, com a arvore symbolica a sorrir entre lumes e guloseimas e a grande chaminé onde o Menino Jesus vinha, noite velha, tremendo de frio e de somno, deixar no sapatinho de cada um a dadiva mais appetecida. O que teria acontecido ao Menino Jesus, que já se não lembrava dos pequeninos ?

— Uma esmolinha pelo amor de Deus ! Minha rica bemfeitora.

Mas o temporal nem os deixava attentar naquelle velho, tremulo e ancioso, que supplicava um boccadinho da alegria das outras creanças para o seu netinho.

Voltou de noite á rua. Talvez algum bohemio adivinhasse o seu desejo.

O pequenito, antes de adormecer, puzera o sapatinho rôto por baixo da imagem de Nossa Senhora, já que no triste pardieiro não havia chaminé.

— Avôsinho !... O Menino Jesus ficará zangado por nós não termos chaminé ?

— Não, meu filho ! O Menino Jesus gosta muito dos pobresinhos.

— Ainda bem, avô !

E um grande beijo, molhado de ternura, de que só as creanças teem o segredo, aqueceu o velho para toda a canceira nocturna.

— Avôsinho... espere ahi... O Toneco, coitadinho, tambem queria um cavallo como o meu...

Como o meu ! Assim elle confiava cegamente na justiça divina...

O Toneco era o filho espezinhado da visinha do lado, uma infeliz costureira que a doença e o trabalho iam minando.

— Coitado do Toneco ! lamentou o pequeno. Elle tambem não tem chaminé. .e nem ao menos tem sapatinho !

Um fundo suspiro foi a unica resposta desconsolada áquella amargura.

— O avôsinho, se encontrar o Menino Jesus, diga-lhe que não se esqueça do Toneco, sim ?

— Sim, meu filho ! Dorme !.

* * *

O velho voltou tarde e sem nada. Subiu, pausado, a longa escada. Encharcado, revoltado, succumbido ! A venda já fechára, como se haviam fechado os corações á sua dor. Das casas da cidade, encerradas tambem hostilmente chegava-lhe aos ouvidos um murmurio sacrilego de risos, chilreada de creanças, alegrias da mocidade, bemaventurança dos velhos. Um hymno de ternura, que chegava em fel ao seu coração maguado !

Abriu a porta de vagar, muito de vagar, para não acordar o netinho. Mas este mexeu-se inquieto na enxerga e murmurou, em sonhos, muito meigo :

— E's tu, Menino Jesus ?

E proferiu outras palavras confusas e supplicantes, que o velho não poude entender, mas que o feriram como punhaes aguçados.

Muito de mansinho, deitou-se ao lado do pequeno, afagando-lhe a cabecinha adorada, em que se revolveriam sonhos magnificos de muitos cavallinhos de papelão trazidos por um batalhão doirado de Meninos Jesus.

E só de madrugada a fadiga lhe cerrou caridosamente os olhos cançados...

* * *

De manhã acordou na musica de um beijo. E o pequenito, cingindo ao peito nu o sapatinho esburacado, ria, ria, ria, mostrando os dentinhos muito brancos, numa alegria infindavel que o velho não podia comprehender.

— Avôsinho, o Menino Jesus fez-me a vontade !

O velho reergueu-se rapido, na incerteza de um milagre sempre possivel, visto tratar-se do Filho de Deus

Mas, como nada visse, tentou acalmar o neto :

— Socega, meu filho querido ! O menino Jesus naturalmente teve muito que fazer e não poude cá vir.

— Mas vem, avôsinho ! Eu até fallei com Elle de noite... E disse-lhe que, se Elle trazia só um cavallinho o fosse levar antes ao Toneco que está doente.

E duas lagrimas grossas vieram brilhar-lhe no sorriso, lagrimas de orgulho pelo seu grande sacrificiosinho ! E talvez tambem de pena pelo querido cavallinho de papelão.

— Vamos vê-lo, avô, vamos vê-lo !

Quando os dois entraram, de mão dada, no quarto do lado, o Toneco, na cama, radioso de alegria e com as faces pallidas agora coradas de enthusiasmo, brincava de facto com o tosco cavallinho, tão cobiçado na montra da loja proxima.

O outro pequenino correu para elle, louco de prazer ! E o mendigo parou extatico, olhando para o Toneco, olhando para o netinho, olhando para Deus de quem não comprehendia os mysteriosos designios.

Mas a mãe de Toneco, radeante tambem, veiu explicar-lhe tudo ao ouvido :

— Foi a dona da venda, com dó d'elle, que lh'o trouxe esta noite, para fingirmos que fora o Menino Jesus.

O velho sentiu um pranto consolador banhar-lhe as faces. Teve um soluço ! E logo o neto occorreu, afflicto e carinhoso :

— Porque está a chorar, avôsinho ? Eu vou pedir ao Menino Jesus que não deixe chorar o meu avô !

— Não peças ! Não peças, que elle talvez não possa fazer-te a vontade.

— Pode, sim ! Então o avôsinho não vê ? que Elle faz tudo quanto eu lhe peço !

O velho fitou-o muito commovido. E, n'um movimento irresistivel, ajoelhou aos pequeninos pés do neto tão bonito, tão loiro, tão pobresinho, que elle suppoz ter ajoelhado ante o proprio Menino Jesus, que vem nas noites de Natal distribuir cavallinhos de papelão ás creanças pobres !

JOSÉ PAULO DA CAMARA

Cartas a um sceptico

Amigo.

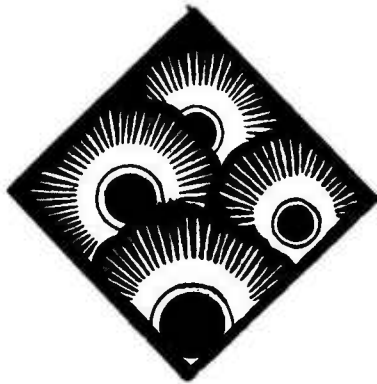
Tu não sabes do profundo, do infinito desconsolo em que me deixaram as tuas palavras sobre o meu amor. Chamaste ao meu ultimo trabalho de poesia. E para darlhe um revestimento nitido e dourado, disséste que era da boa poesia, sã e emotiva.

Não, meu amigo, enganas-te. Aquillo não passa de prosa desalinhada, diffusa e incoherente como desalinhadas diffusas e incoherentes são as nossas mais puras e mais cálidas emoções. Não ha emoção integral e nitida. Ferem todas apenas por um lado mais forte das imagens.

Poesia, meu velho, é uma forma subalterna de arte que sobrepõe as imprecisas sensações alheias á emoção concentrada e definida do poeta. Porisso, só os eleitos, os grandes temperamentos conseguem mascarar-lhe e minorar-lhe essa inferioridade, prendendo-nos e encantando-nos com a magia de suas creações. E eu não sou um eleito, um poeta de pulso e de alma, que sinta todas as suas maiores impressões dentro de uma harmonia completa de de musica e de rytmo. Sou um misero mortal defeituoso como todos os entes humanos, imperfeito como todos os seus ideaes, um pobre emotivo, emfim, que não quer ser piégas, mas que não pode fugir á busca de um pretexto para dar largas a um sentimento insopitavel e insubmisso ás theorias e aos paradoxos.

Esse motivo agora é Ella. E' Ella que me absolve de todos os desvarios de minha fantasia exaltada ; é que povôa de creações fulgurantes o meu quarto, misera cella de paredes nuas e brancas e de mesas cheias de livros e de sabedoria ; é ella que materialisa os meus mais vibrantes ideaes estheticos e os meus desejos mais finos e espirituaes.

E eu canto-a não no verso que me alapardaria a inspiração, mas na prosa chã, commum, quotidiana, que me relembra — e quanto ! — a propria fala d'Ella.

Arlequim

Do canhenho de "Arlequim"

O meu amor é uma mulher linda. Tem no rosto essa doce e serena expressão que os grandes pintores da Renascença inventaram para mostrar a suavidade de Maria Santissima Nossa Mãe.

Entretanto, quando sorri, ha nella alguma cousa de algido que desconcerta. O sorriso não é a irradiação contente e animal de seus nervos, não lhe illumina, a quente, as faces, mas da-lhe, ao contrario uma estranha impressão de lus fria, irritante e imprevista como um trismo. A bocca não se harmoniza como conjunto. O rosto é de Madona, mas os labios são diabolicos e nas suas commissuras parecem bailar, perennemente alertas, sarcasmos crueis. Parece, não bailam. Ella é mulher como todas as outras.

Figuras

Era um sujeitinho baixo, miudinho, de espaduas arqueadas, o peito estrito e sumido, o rosto magrissimo e chupado. Tudo nelle respirava miseria organica, desde o pé minusculo, mettido num sapato esguio e cheio de rugas, até o nariz afilado, macilento, de narinas transparentes e irrequietas.

Apenas as mãos fugiam áquella mesquinha symetria corporal : eram enormes, musculososas, callejadas, com os dedos nodosos e recurvos que, mesmo em repouso, davam a idea de garras á procura de uma presa imaginaria.

No contraste entre aquelle corpo esqualido e mal nutrido e aquellas mãos rudes e robustas estava o perfil moral do homem: uma garra perpetuamente em busca do primeiro incauto.

Cultura

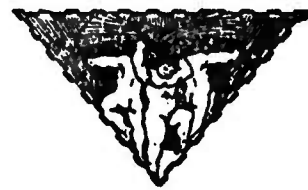
As classes nobres sempre se distinguiram no mundo como aquellas que havendo penetrado o senso do rediculo. sabem ater-se dentro das regras discretas que o evitam por isso que o não temem.

As outras classes são as que levam o rediculo até o exagero do escrupulo, porque o receiam e nelle incidem de pavor. Os homens de nosso tempo, por exemplo. Não o comprehenderam : sendo um excellente meio educativo, porque o riso é a unica forma humana acceitavel de castigo, baniram-n-o da escola ; e sendo um pessimo guia espiritual, porque irmão gemeo da rotina, adoptaram-n-o na vida.

O caminho era outro : servir-se delle na infancia, na fase da preparação ; desprezal-o depois, no periodo da originalidade.

S.

Tyrana, a pastora cabocla

GALVÃO CERQUINHO

O que se chama Pastoril,
lá nas terras do norte brasileiro,
é uma festa nocturna semanal,
ao ar livre,
sob um céu luminoso
e sobre um tosco e vasto
tablado forte de jequitibá.

Ali cantam e dansam,
agitando pandeiros guizalhantes,
as sensuaes pastoras do nordeste.

Ha dois partidos que disputam glorias:
um vermelho, encarnado, escandaloso,
outro azul, cor das noites brasileiras.

As melodias vão contando lendas
de amores recatados
que ha muitos annos floresceram
nas salas silenciosas
de um secular castello de seis torres...

Nos intervallos dos leilões de flores,
quando os homens se inflammam
e quando os ricos vão ficando pobres,
na sonhada conquista de uma rosa,
bamboleiam quadris cafusos e caboclos.

Sósinho,
entre tantas raparigas,
se vê no Pastoril
um homem no tablado,
um valdevinos tocador de pifaro,
"*o Velho*" da funcção,
que faz piruetas propagando ditos:
comico buffo, menestrel de rua.

A respeito de amor,
Tyrana, a pastora cabocla,
vivia entrincheirada no silencio,
sempre a sorrir dos homens e da vida.

Quando cantava,
a sua vóz transmittia
a sensação macia do velludo
e a quietude aromal de ambientes sybaritas.

Eu conheci Tyrana, a pastora cabocla.

Eu a vi, muita vez, ensaiar os bailados
e entôar as canções que havia de cantar
no Pastoril da Varzea.

Ella cantava e dansava,
toda a noite dos sabbados,
no Pastoril da Varzea,
que fica um pouco além de Caxangá.

Durante a minha juventude augusta,
muita noite esbanjei escutando canções,
as canções de Tyrana,
e vendo os seus bailados sensuaes:
os seus bailados que diziam beijos,
beijos que eram soluços e queixumes.

Uma noite, no tempo de Natal,
eu vi Tyrana desmaiar
no tablado florido
do Pastoril da Varzea.

Era tão grande a luz que jorrava do céu
e havia nelle tanta claridade,
que ninguem duvidou

fosse no céu aquella
a festa das estrellas...

O baque surdo e estranho
do corpo de Tyrana
arrastou num tropel de ondas electricas,
absorvendo-a toda,
a toda a multidão
que em extase a escutava.

Desfallecida, embora,
o jovial sorriso de Tyrana
era cheio de graça e de piedade.

Hirtos, como penedos solitarios,
ficaram aquelles homens nervosos
que com tanto furor a ambicionavam,
quando dos seios cor de sapoti
correu em catadupa o sangue de Tyrana,
avermelhando-lhe o leque,
o lindo leque azul de gaze ledicada.

Aquelle rio vermelho
ia levando a vida e os sonhos de Tyrana.

Na hora derradeira,
a cabocla canóra
jurava que ella propria se ferira,
que se ferira sem querer,
com aquelle punhal que ali estava a verter sangue...

E emquanto a espelndida Tyrana,
nos accordes finaes de um poema que se fecha,
modulava "Fui... eu... que... me... feri...",
"*o Velho*" do tablado,
o palhaço das prendas,
depois de longamente
as mãos e o rosto lhe beijar chorando,
bradava em desespero,
fixando a multidão:
"Quem a matou fui eu.
Fui eu quem a matou!
Ella não tinha coração!"

O que Brummel não disse. .

Prepara o teu effeito com o apuro que terias para o ultimo momento da tua vida. Usa-o, depois, com a despreoccupação, com o despreso que sentirias por elle si posuisses a eternidade inteira para melhoral-o.

Sê como o poeta :

eu sou como quem, pondo flores num vaso
emprega todo o amor, todo o cuidado e esforço
para parecer que o fez assim por mero acaso.

Veste bem quem pode. Affirma-se elegante quem sabe. Mas só é arbitro quem ousa.

Não ha cores feias. Ha combinações ou applicações erradas ou usadas fóra de lugar e de momento.

Distingue entre a singeleza, que é filha de uma alma rude, pobre de motivos, de effeitos, portanto, e a simplicidade que só vem de uma selecção consciente, num esforço de synthese que se disfarça.

No traje o corte indica a cultura, a côr o temperamento. Por isto, os grandes artistas fasem os imbecis vestindo-os de cinzento escandalosamente claro. Uma pessoa que sempre traja marron não pode deixar de ser visceralmente sceptica.

Ha no vestuario uma concepção architetonica que o domina e inspira. Veja-se, por exemplo, o colunnario das pernas, a architrave dos hombros, o frontão da cabeça. E a friza luminosa dos olhos...

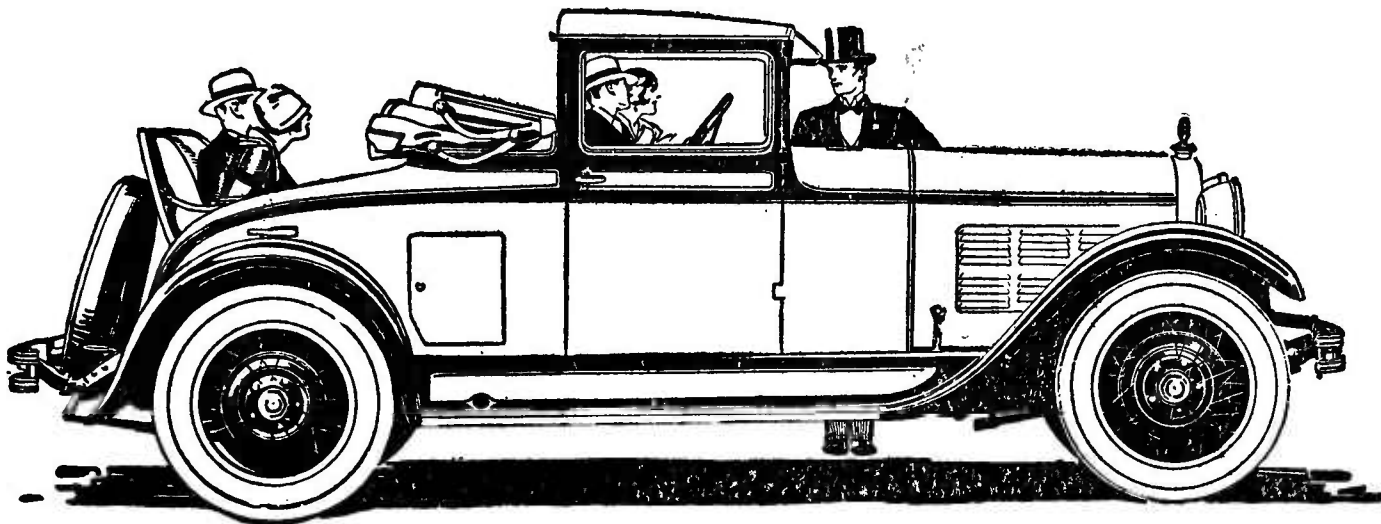
Mas o edificio anatomico além de estatico é dynamico : articula-se nas attitudes de repouso, mas se desdobra e desenvolve nos gestos e nos movimentos. A estatua vive; e vivendo faz sua propria esculptura, com o encanto da côr e a seducção do rythmo.

Exaggera, si queres. Mas de uma só vez, numa só coisa. Os effeitos fortes não se sommam, se annulam.

Estuda, conhece o teu typo. Si accusado, accentua-o, mas só sublinhando-o. Si commum, evita vulgarisal-o mais, numa apresentação de apparato. De qualquer modo, esquece-o...

MAHITÊ

A Serie Senior

DODGE BROTHERS

ANNUNCIANDO O CARRIOLET SENIOR CONVERTIVEL

Uma distincta criação Dodge — Uma carrosseria de novo typo.
Uma verdadeira revelação de belleza. O seu desempenho é um encanto. O seu feitio é moderno e surprehendentemente elegante.
Armações completas das portinholas, em logar das columnas dobradiças, de que resulta maior regidez e mais quietude.
Comporta commodamente cinco passageiros — tres na frente e dois no asssento supplementar. Ambos os assentos são estofados de bello marroquim.
Motor de seis cylindros ceio de força. Acceleração instantanea. Partida rapida. 110 kilometros e mais — por hora. 80 kilometros na segunda velocidade.
Airoso, uma maravilha de graça. Este soberbo especimen, producto especial de Dodge Brothers, está agora em exposição, como ultimo accrescimo da magnifica série Senior.

AGENTES GERAES

Antunes dos Santos & Cia.

RUA BARÃO DE ITAPETININGA, 39-41 — S. PAULO

Vª EXPOSICAO DE AUTOMOBILISMO